

A EDUCAÇÃO E A AÇÃO POLÍTICA COMO FENÔMENOS SOCIAIS HUMANOS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES ENTRE COMUNIDADES TRADICIONAIS GERAIZEIRAS, SÃO DESIDÉRIO-BA

Mario Alberto dos Santos

Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB)
Centro das Humanidades, Barreiras, BA, Brasil
mario.alberto@ufob.edu.br

RESUMO

Este artigo compõe parte de resultados alcançados na realização de um Projeto de Pesquisa e outro de Extensão, e seus objetivos se concentraram em analisar os desafios de ordem social, política e econômica, mas também epistemológicas e teóricas, para realizar os fenômenos sociais da educação e da ação política em territórios tradicionais Geraizeiros, localizados no vale do rio Guará, São Desidério-BA. A pesquisa participante, à luz da geografia humanista e fenomenológica, e em diálogo com a ciência da cognição, guiaram os caminhos teóricos e metodológicos dos estudos e análises realizadas até o momento. As comunidades Geraizeiras coparticipantes apresentam um convívio social cotidiano intimamente forjado nas relações e interações simbólicas e afetivas com o cerrado, das quais derivam seus saberes-fazer agroextrativistas. Porém, observa-se um histórico de ausências de direitos sociais e políticos, e influências externas à essa dinâmica, que condicionaram, e ainda condicionam, mudanças estruturais e de comportamento entre as famílias Geraizeiras. Essas mudanças geram vulnerabilidades, e os estudos apontam para a importância contida no *continuum* experiencial existente entre os fenômenos sociais da educação e da ação política, os quais têm na troca entre saberes e experiências o meio para alcançar as transformações positivas no cenário de vulnerabilidades observado.

Palavras-chave: Convívio social. Vida cotidiana. Territórios tradicionais. Diálogo entre saberes.

EDUCATION AND POLITICAL ACTION AS SOCIAL PHENOMENA: CHALLENGES AND POSSIBILITIES WITHIN THE TRADITIONAL COMMUNITIES OF GERAIZEIRAS, IN SÃO DESIDÉRIO-BA

ABSTRACT

This article is part of the results achieved from conducting both Research and Extension Projects whose objectives were focused on analysing social, political and economic challenges, as well as epistemological and theoretical ones, in order to carry out the social phenomena of education and political action in the traditional territory of the Geraizeiros, located in the Guará river valley, São Desidério-BA. This participatory research, in light of the humanist and phenomenological geography, and in dialogue with the science of cognition, guided the theoretical and methodological paths of the studies and analyses carried out thus far. The co-participatory Geraizeiros communities' daily social coexistence is intimately forged in their relationship and symbolic and affective interaction with the Cerrado, from they which derive their agroextractivist know-how. However, there is a history of omission regarding social and political rights, as well as external influences on this dynamic which conditioned, and still condition, structural changes and behaviour among Geraizeiros families. These changes generate vulnerabilities, and studies point to the importance contained in the experiential *continuum* that exists between the social phenomena of education and political action, which have the means to achieve positive transformations in the observed vulnerability scenario in the exchange between knowledge and experiences.

Keywords: Social interaction. Everyday life. Traditional territories. Dialogue between forms of knowledge.

INTRODUÇÃO

Os temas da educação e da ação política são amplamente estudados no pensamento geográfico. As abordagens se diversificam tanto quanto se diversifica o próprio pensamento científico. Neste artigo, as análises e reflexões sobre ambos os fenômenos – educação e ação política – são influenciadas pela

realização de um projeto de pesquisa¹ e outro de extensão², ambos ambientados em Territórios Tradicionais. Essa influência está condicionada pela interação com as comunidades que habitam tais territórios, interação esta constituída substancialmente na, e pela, dialogicidade. Em razão disso, a execução dos dois projetos ocorre com a coparticipação de 7 comunidades tradicionais Geraizeiras, são elas: Ponte de Mateus, Larga, Cera, Contagem, Currais, Lagoa dos Buritis e Pedras, localizadas no município de São Desidério-BA, no vale do rio Guará, importante afluente do rio Corrente, que por sua vez, é um importante afluente do rio São Francisco.

As 7 comunidades abrangem entre 250 – 300 famílias, com situações distintas em relação à infraestrutura e aos serviços públicos oferecidos em cada uma delas. A imprecisão no número total de famílias dá-se por não haver levantamento oficial único, assim utiliza-se dados dos agentes de saúde e das escolas municipais presentes em 3 (três) das 7 comunidades. As escolas municipais localizam-se em Ponte de Mateus, Escola Municipal Ovídio Francelino de Souza, Currais, Escola Municipal Geraldo Rodrigues de Almeida, e Pedras, Escola Municipal Ponte Nova.

Há em Ponte de Mateus a oferta de serviços básicos de saúde, com um Posto de Saúde, que disponibiliza atendimento médico e odontológico. Os serviços de saneamento rural se limitam à disponibilidade de água para consumo doméstico, por meio de caixas d'água de uso coletivo, as quais são abastecidas por bombas d'água monitoradas pelos próprios moradores e instaladas nos rios ou córregos da região.

Os dois projetos citados alcançam entre 21 e 35 famílias, sendo uma média de 3 e 5 famílias por comunidade. Não é possível precisar um número, pois como as atividades de pesquisa e extensão ainda estão em andamento, por diferentes fatores há oscilações no número de participantes em cada uma das vivências e experiências em campo. Com isso, o objetivo deste artigo é apresentar análises e reflexões sobre as possibilidades e os desafios de realização da educação e da ação política, como meios de superar vulnerabilidades vividas pelas comunidades tradicionais Geraizeiras citadas.

A evidência dos desafios foi constatada durante as vivências e as experiências em campo, pois as observações participantes e as análises posteriores a respeito do convívio social cotidiano das comunidades tradicionais fizeram surgir questões a respeito, especialmente, da superação de vulnerabilidades sociais e políticas, que derivam para vulnerabilidades econômicas vividas pelas comunidades Geraizeiras.

A atenção atribuída à educação e à ação política está no sentido que esses dois fenômenos sociais humanos têm para os projetos citados. Quando Hannah Arendt (2014) coloca a necessidade de estabelecer princípios para o agir político, entende-se ser igualmente necessária essa intencionalidade para a constituição e a realização do educar como fenômeno social humano. A tendência é que esse movimento crie condições para um *continuum* experiencial entre ambos – educação e ação política - acolhidos no próprio convívio social cotidiano.

Para esse artigo, a aproximação com o universo empírico da pesquisa, como base e fundamento para as análises e reflexões, se fez a partir da atenção direcionada ao contexto social e político vivido pelas famílias Geraizeiras, para depois compreender como essa situação deriva para um cenário de vulnerabilidades sociais, políticas e econômicas. Por fim, essas análises sustentam reflexões a respeito da correlação entre as observações *in loco* e as circunstancialidades vividas pelas famílias e as comunidades Geraizeiras, quanto à realização de processos pedagógicos comunitários e ações de natureza política.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E O PERCURSO CRIATIVO NA PESQUISA PARTICIPANTE

A partir do exercício do diálogo deriva-se a dialogicidade, e como resultado, cria-se a ambiência peculiar à pesquisa científica com intencionalidade participativa. Este aspecto é importante, já que os caminhos metodológicos escolhidos para os projetos citados se baseiam na pesquisa participante, logo se beneficiam de metodologias participativas para as vivências e experiências em campo. No âmbito metodológico, a união entre as atividades de pesquisa (Figura 1), e as do projeto de extensão (Figura 2), criou um cenário de investigação científica favorável à ampliação e ao fortalecimento da intencionalidade participativa da metodologia e, conseqüentemente, da pesquisa.

1 Título do Projeto de Pesquisa: Ação Política e Gestão Comunitária em Territórios Tradicionais.

2 Título do Projeto de Extensão: Quintais Produtivos, Agroecologia e Segurança Alimentar no vale do rio Guará, São Desidério-BA. Este projeto é financiado pelo CEPF Cerrado (sigla em inglês para Fundo de Parcerias para Ecossistemas Críticos – CEPF Cerrado Hotspot), O Fundo de Parcerias para Ecossistemas Críticos é uma iniciativa conjunta da Agência Francesa de Desenvolvimento, da Conservação Internacional, União Europeia, da Gestão Global, do Governo do Japão e do Banco Mundial. Uma meta fundamental é garantir que a sociedade civil esteja envolvida com a conservação da biodiversidade. No Brasil o fundo é administrado pelo RIT Cerrado, IIEB (Instituto Internacional de Educação do Brasil), com sede em Brasília. A responsabilidade técnica do projeto é do Grupo de Pesquisa Educação Geográfica, Diálogo de Saberes e Cerrado da Universidade Federal do Oeste da Bahia, com gestão financeira realizada pela Fundação Escola Politécnica da Bahia. <http://cepcferrado.iieb.org.br/projetos/quintais-produtivos-agroecologia-e-seguranca-alimentar-no-vale-do-rio-guara-sao-desiderio-bahia/>

Figura 1 - São Desidério-BA, rodas de diálogos e oficinas participativas durante as vivências e experiências em campo nas comunidades Geraizeiras.



Fonte - Equipe de pesquisa, 2019.

Figura 2 - São Desidério-BA, atividades das oficinas pedagógicas realizadas no âmbito do projeto de extensão. Compostagem, cultivo de mudas de hortaliças e instalação dos quintais agroflorestais agroecológicos. As vivências e experiências em campo, muitas vezes, se misturam às práticas agroextrativistas das famílias Geraizeiras.



Fonte - Equipe de pesquisa, 2019.

As atividades representadas pelas figuras acima tiveram a escolha dos instrumentos de coparticipação orientada pelo Diagnóstico Rural Participativo (VERDEJO, 2010), e pelo Programa de Educação Ambiental e Agricultura Familiar (MMA, 2015). Soma-se a isso o uso do registro fotográfico feito pela equipe responsável pelos projetos e por moradores das comunidades coparticipantes. Para as análises científicas em destaque neste artigo, ao escolher a pesquisa participante, naturalmente o olhar da argumentação científica-reflexiva se direcionou à geografia humanista e fenomenológica, com contribuições da ciência da cognição de Maturana (1997; 1998; 2001).

A coparticipação citada pode ser observada em diferentes aspectos e etapas do projeto de pesquisa e do projeto de extensão. As vivências e experiências em campo são os momentos de aproximação e encontros com o universo empírico da pesquisa, e com isso o uso dos instrumentos metodológicos de

coparticipação se destacam. Além das rodas de diálogos, a elaboração de calendários agroextrativistas e diagramas, com foco na organização social e política das comunidades, enfatiza-se também a relevância da observação participante realizada durante algumas práticas agroextrativistas das famílias Geraizeiras, em concomitância com ações pedagógicas fomentadas pelo projeto de extensão.

As oficinas pedagógicas foram realizadas para a instalação e o manuseio de tecnologias sociais e ambientais³, e são resultados do projeto de extensão em tela. O caráter pedagógico das oficinas reside na intencionalidade das trocas de saberes, pois as atividades agroextrativistas realizadas pelas famílias Geraizeiras direcionam as intervenções previstas, e, ao mesmo tempo, determinam o ritmo e as circunstancialidades a partir das quais as atividades se realizam. Assim, as ações de extensão tornam-se, em alguma medida, um *continuum* das atividades agroextrativistas, e ainda incluem algumas práticas de manejo, eventualmente não realizadas.

Para a geografia humanista e fenomenológica, as metodologias adotadas implicam na perspectiva experiencial do pensar-fazer científicos. A experiência, quando dotada de reflexão, faz do agir consciente um processo provido de intencionalidades que permitem, em alguma medida, uma representação desta ação (SCHUTZ, 2012; 2018). Como consequência tem-se na experiência um duplo significado: ao mesmo tempo em que ela caracteriza aspectos dos procedimentos metodológicos da pesquisa e da extensão, ela traduz e preenche “[...] as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade.” (TUAN, 2013, p.17). Está, assim, intrínseca à constituição dos saberes-fazer das comunidades Geraizeiras. Portanto, “[...] experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender, significa atuar sobre o dado e criar a partir dele.” (IDEM, 2013, p.18).

O humanismo e a fenomenologia nas ciências, segundo Tuan (2013), nos mostra a essencialidade das experiências íntimas com o lugar, e a necessidade científica de transcendê-las ao “Movermo-nos das experiências diretas e íntimas para aquelas que envolvem cada vez mais apreensão simbólica e conceitual.” (TUAN, 2013, p.167). Sob o ponto de vista científico, esse movimento se dá em direção, e a partir da troca de saberes. Segundo Brandão e Streck (2006) é a partilha de saberes, realizada com base na solidariedade, o aspecto substancial de toda pesquisa participante.

Há um amplo espectro de atividades e metodologias características de diferentes tipos e níveis de participação social em pesquisa científica. Neste caso, a coparticipação, por meio dos diálogos e das observações *in loco*, alcança o processo de compreensão do contexto social e político existente entre as famílias Geraizeiras. Embora Paulo Freire (2011), em sua obra *Comunicação ou Extensão?* não esteja refletindo sobre atividades de campo para projeto de pesquisa, há análises feitas pelo autor que contribuem com as perspectivas consideradas na realização das atividades *in loco* (Figura 3) trazidas neste artigo.

Figura 3 - São Desidério-BA, interações e relações pedagógicas promovidas pelas oficinas pedagógicas do projeto de extensão. Diálogos entre saberes e troca de experiências no campo para a instalação de sistemas agroflorestais agroecológicos.



Fonte - Equipe de pesquisa, 2019.

³ As tecnologias sociais e ambientais utilizadas no projeto de extensão são a compostagem, para a gestão e o tratamento de resíduos sólidos orgânicos, a adubação verde e os sistemas agroflorestais agroecológicos, para o cultivo de alimentos e a restauração ecológica. As oficinas pedagógicas já realizadas consistiram na instalação dessas tecnologias, e, portanto, na criação de quintais produtivos e de áreas de restauração ecológica, com impactos previstos para a soberania-segurança alimentar das famílias beneficiárias e para as práticas de conservação em áreas de cerrado.

Para Freire (2011), a preocupação central é não fazer das ações de extensão um processo de invasão cultural. O mesmo ocorre aqui com a intencionalidade participativa da pesquisa, especialmente com as intervenções realizadas no âmbito do projeto de extensão (Figura 3). O cuidado com o diálogo entre saberes nasce da preocupação com a função gnosiológica dos atos cognoscitivos. “A relação gnosiológica, por isso mesmo, não encontra seu termo no objeto conhecido. Pela intersubjetividade, se estabelece a comunicação entre os sujeitos a propósito do objeto.” (FREIRE, 2011, p.86). Essa intersubjetividade está, segundo Schutz (2012), nas relações interativas e sociais cotidianas e constitui, portanto, a substância e o conteúdo do ambiente comunicativo compartilhado onde elas são acolhidas.

Este ponto é fundamental para não transformar uma ação de pesquisa participante num processo de simples transferência de conhecimento, e ser de fato “[...] um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (FREIRE, 2011, p.91). Por isso a dialogicidade. O fenômeno do diálogo é entendido com base nas análises de Bohm (2005). Segundo o autor, em seu sentido etimológico, diálogos tem origem grega, e trata-se da união de logos, o significado da palavra, com dia, que significa através. “O retrato ou imagem sugerido por essa derivação é o de uma corrente de significados que flui entre nós e por nosso intermédio; que nos atravessa, enfim.” (BOHM, 2005, p.34). (Itálico do autor). Ao contrário da discussão, no diálogo não há disputa de opiniões. O âmbito da emoção em que ele – o diálogo – se realiza é o do acolhimento.

A pesquisa participante e o diálogo entre saberes têm íntima correlação com esse entendimento. Trata-se de “[...] um conhecer solidário com o agir e vice-versa.” (FREIRE, 2011, p.101). Essa compreensão torna possível o uso dos instrumentos metodológicos de coparticipação em pesquisa. Sob o ponto de vista da geografia humanista e fenomenológica, esse movimento de relações interativas vividas na experiência propicia colher informações e dados úteis às análises aqui previstas. A intencionalidade, para a teoria e o método, está na busca pela equidade entre as relações e interações promovidas pelas metodologias participativas, pois a ela é atribuída a possibilidade efetiva do próprio diálogo. “O fenômeno do conhecer é um todo integrado e está fundamentado da mesma forma em todo os seus âmbitos.” (MATURANA, 2001, p.33).

VIVER SOCIAL E CONVÍVIO SOCIAL COTIDIANO ENTRE AS COMUNIDADES TRADICIONAIS GERAIZEIRAS DO VALE DO RIO GUARÁ

Neste artigo, os argumentos científicos para pensar o viver social como um fenômeno constituído na cumplicidade recíproca do coexistir atribui às relações e às interações sociais características bastante específicas, sob o ponto de vista do seu dinamismo interno e processos constitutivos. A fenomenologia de Alfred Schutz (2012; 2018) e a ciência da cognição de Humberto Maturana (1997; 1998) traduzem a complexidade inerente ao viver social por meio da compreensão dos fenômenos constitutivos e mantenedores do que outrora fora instituído. Os estudos realizados pelos autores em destaque evidenciam aspectos do viver social, cuja essencialidade à convivência pretendida e estabelecida é imprescindível.

O convívio cotidiano para assumir-se social demanda inevitavelmente o cumprimento de padrões e parâmetros de conduta e comportamento, os quais estão no centro do pensamento fenomenológico de Schutz (2012; 2018) e nas reflexões a respeito dos fenômenos sociais humanos de Maturana (1997; 1998). Para a compreensão dos fenômenos que garantem a duração e a permanência da dinâmica de relações e interações características do viver social, é necessário, segundo Maturana (1997), compreendê-los como o domínio constitutivo desse sistema chamado viver social. O resultado dessa premissa é a distinção entre os processos constitutivos e a manifestação de suas propriedades emergentes a partir do seu funcionamento enquanto unidade. Logo, há aqui um distanciamento da “[...] confusão frequente entre as condições que presidem à constituição de um sistema e a sua aparência para um observador.” (MATURANA, 1997, p.188).

Os papéis ou as características que um observador atribui aos membros de um sistema social não os descrevem em termo de suas propriedades constitutivas. São abstrações do observador a partir das regularidades de comportamento dos membros de um sistema social, e como tais, são abstrações projetadas sobre um conjunto particular de valores e de noções, justamente aquelas que o observador prefere. (MATURANA, 1997, p.191).

Esta perspectiva é essencial à intencionalidade participativa da pesquisa, pois dá às ciências condições de perceber-se dentro de um contexto cognitivo, de experiências e de saberes alheios, porém, constituído sob a mesma condição fenomenológica. Seguindo com Maturana (1997; 1998), a constituição do viver social como fenômeno da vida cotidiana, e resultado das relações e interações promovidas por ela própria, tem na aceitação mútua uma prerrogativa das relações sociais humanas. Segundo o autor “As relações humanas que não se baseiam na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência não são

relações sociais.” (MATURANA, 1998, p.69). Assim, para o autor, um sistema de relações sociais resulta de uma conspiração ontológica, ao criar uma trama de consensualidades recursivas de condutas sociais válidas, possíveis apenas a partir das coincidências nos desejos de convivência.

Para que exista um sistema social deve se dar a recorrência das interações que resultam na coordenação de conduta de seus membros, ou seja, deve se dar a recorrência de interações cooperativas. [...] a recorrência de interações cooperativas é sempre expressão do operar dos seres vivos participantes de um domínio de acoplamento estrutural recíproco [...]. (MATURANA, 1997, p.203).

Os estudos de Maturana (1997; 1998) sobre os fenômenos sociais humanos permitem reconhecer no âmago de todo viver social instituído as mesmas condições essenciais de constituição, duração e permanência. “A rigor, contudo, o que vivenciamos na duração não é um ser, não é algo de fixamente delimitado ou bem-distinto, senão uma constante transição, de um agora-e-assim para um novo agora-e-assim.” (SCHUTZ, 2018, p.75). O viver social é, deste modo, um fenômeno cuja realização está no, e é resultado do, convívio social cotidiano. Por ser processual, e preso a um *continuum* experiencial ininterrupto, o viver social está imerso em um fluxo de duração recorrente, na qual “[...] esse agora não deve porventura ser considerado como instante pontual [...] o “agora” é, antes, sempre fase, e, por essa razão, as fases singulares da vivência se fundem umas com as outras, em constante transição.” (SCHUTZ, 2018, p.82). (Aspas do autor).

Entre as famílias Geraizeiras há inúmeras circunstâncias e experiências para traduzir o modo de ser dessas comunidades. Em sua dimensão fenomênica, esse modo de ser é também um modo de estar no mundo. Para Schutz (2012), o mundo das relações sociais se realiza por meio de relações interativas, assim “O mundo da minha vida cotidiana não é meu mundo privado, mas é um mundo intersubjetivo, compartilhado com meus semelhantes, experienciado e interpretado por outros; em suma, é um mundo comum a todos nós.” (IDEM, 2012, p.179).

Ao partir desses pressupostos, a primeira questão a considerar para a análise proposta é o sentido aqui atribuído ao termo comunidades tradicionais, ou seja, o que há no convívio social cotidiano das famílias Geraizeiras que as caracterizam e definem como comunidades tradicionais. Inclui-se, neste caso, peculiaridades de 7 (sete) comunidades tradicionais Geraizeiras da região oeste da Bahia. Essas comunidades estabelecem com o cerrado, e seus ecossistemas, especialmente as áreas de veredas, relações e interações íntimas, a partir das quais definem e significam seu viver social. (Figura 4).

Figura 4 - São Desidério-BA, a árvore do buriti (a), as mãos que trabalham no saber-fazer (b), e os frutos na primeira e segunda fases, do beneficiamento feito para a retirada da polpa após sua colheita (c; d).



Fonte - C. J. S.; K. A. A; A. C. S.; e A. C. S., 2016. (Registros fotográficos feitos por moradores das comunidades coparticipantes dos projetos citados⁴).

4 Em cumprimento à Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, sobre regras e normas éticas aplicáveis à pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, e à Lei nº 13.123 de 2015, que dispõe sobre as normas de acesso ao conhecimento tradicional associado, este artigo não apresenta informações que possibilitem a identificação dos sujeitos

Os momentos e processos representados nas imagens acima (Figura 4) traduzem aspectos simbólicos e afetivos das famílias Geraizeiras, mas também saberes-fazeres envolvidos no extrativismo do buriti. É importante ressaltar que este artigo não pretende esgotar todas as possibilidades de compreensão e explicação sobre o viver social e o convívio social cotidiano das comunidades tradicionais em tela. A atenção está direcionada ao que foi mais representativo e recorrente durante as vivências e experiências em campo. Além do mais, a atual fase dos projetos permite algumas análises a respeito das correlações entre as práticas agroextrativistas e as relações e interações sociais existentes, para a partir de então, apontar algumas questões e tecer reflexões sobre possíveis atribuições e desafios do educar e do agir político com e entre as comunidades tradicionais em análise.

Por isso a escolha foi iniciar a compreensão da dinâmica presente no convívio social cotidiano das famílias Geraizeiras, com destaque para os saberes-fazeres que os caracterizam e definem. Como coloca Souza e Brandão (2012), esse mundo vivido em comunidade está associado a dimensões simbólicas e afetivas. Entre as famílias Geraizeiras, o mundo vivido compõe-se, do mesmo modo, de valores simbólicos e afetivos, os quais direcionam o âmbito da emoção que guia o viver social e o convívio social cotidiano. Empréstase aqui o sentido atribuído por Souza e Brandão (2012) para comunidades, e o transfere para as comunidades tradicionais. Pois, o significado se forja, da mesma maneira, no estabelecimento de “[...] teias sociais e bases territoriais, entendidas aqui como recursos necessários à vida cotidiana e, ao mesmo tempo, como a base significante de cada comunidade, construídas e (re)construídas geograficamente.” (IDEM, 2012, p.111).

Trata-se de espaços da vida, caracterizados pelas relações e interações estabelecidas entre os sujeitos e entre os sujeitos e a natureza. No caso das famílias Geraizeiras, os usos sociais e culturais da natureza se realizam no cerrado e em seus ecossistemas. Esses usos, classificados aqui como práticas agroextrativistas, são responsáveis pela criação de diferentes tipos e níveis de convívios sociais conservados na duração e na permanência dessas práticas.

Há, por exemplo, as atividades de colheita e de beneficiamento da mandioca (Figura 5), do feijão, do milho e, às vezes, de hortaliças, unindo-se com a coleta de frutas como o pequi, o buriti, o cascudo e o caju, na constituição da dinâmica anual de distribuição das atividades de trabalho para a obtenção de alimento e, em alguns casos, também a renda.

Figura 5 - São Desidério-BA, momentos de um conjunto de práticas agroextrativistas muito significativas para a vida e o modo de ser dos Geraizeiros. Trata-se do beneficiamento da mandioca para a fabricação de farinha.



Fonte - SANTOS, M. A. dos. 2019.

coparticipantes dos projetos em destaque. Deste modo, os nomes dos moradores, autores das fotografias, serão apresentados apenas pelas iniciais.

No cultivo das culturas anuais, como a mandioca, o feijão e o milho, esse conjunto de saberes-fazeres está na escolha da época e do local de plantio, para o seu posterior manejo. Sempre orientados pela estação do ano e pela proximidade do local de cultivo em relação às águas, as famílias Geraizeiras encontram durante o período de estiagem, especificamente nas áreas de veredas, um solo mais úmido, importante diante do longo período sem chuvas na região. Dentre as características ambientais do ecossistema das veredas, destaca-se a importante presença de matéria orgânica no solo, que Segundo Primavesi (2009) é fundamental à fauna e à microfauna do mesmo, que por sua vez são fundamentais à dinâmica natural de disponibilidade de nutrientes para as plantas.

As atividades agrícolas das famílias Geraizeiras dependem fundamentalmente das características ambientais e da dinâmica ecológica presente nas áreas das veredas. Com base nessas interações e relações cotidianas, as famílias nos explicam os critérios de escolha entre as variedades de mandioca e feijão mais apropriadas às veredas, e as apropriadas para o cultivo no “seco” (expressão utilizada pelos Geraizeiros para as áreas mais afastadas das veredas).

Os moradores esclarecem que o período de estiagem combina com o ciclo da planta de mandioca utilizada para cozinhar, chamada por eles de “mandioca doce”. As famílias com acesso a maniva ou a muda desta variedade da planta, as cultivam nas veredas, junto com o feijão carioquinha, e eventualmente algumas olerícolas e/ou frutas. Já a mandioca utilizada para fazer farinha tem o ciclo de duas chuvas, seu cultivo ocorre no “seco”, geralmente nos quintais próximos as residências, e a colheita demora entre 18 – 24 meses. (Figura 6).

Figura 6 - São Desidério-BA, cultivo de mandioca no “seco” (a), e consorciada, junto com o feijão, em áreas úmidas (b).



Fonte - A. J. A. das V. e C. A. das V. (2016).

Além das práticas de manejo ligadas ao agroextrativismo, observou-se *in loco* a ocorrência de diferentes parâmetros e regras utilizadas pelas famílias Geraizeiras na divisão dessas atividades. Os relatos dos moradores mostram que, embora seja comum as mulheres assumirem as atividades agroextrativistas, e os homens seguirem para trabalhos fora da comunidade, como por exemplo, prestação de serviço em fazendas da região, ou atividades da construção civil na sede do município ou em outras comunidades próximas, há famílias em que as práticas agroextrativistas são compartilhadas entre todos os seus membros. As comunidades Geraizeiras não adotam uma única regra a ser seguida, com isso as circunstancialidades do convívio social cotidiano e do histórico familiar são mais representativas para determinar este atual cenário.

Outra observação feita *in loco* é a presença de atividades de natureza cooperativa no âmbito do extrativismo. Há um apoio recíproco entre os moradores para a coleta de alguns frutos, como o buriti e o pequi, e o seu posterior beneficiamento. Segundo os moradores, isso facilita e agiliza a execução de um conjunto de atividades que são técnicas. No caso do pequi, por exemplo, descascar e retirar a polpa é um processo demorado, e a coletividade otimiza o tempo e permite concluir a atividade de maneira mais rápida.

Aqui se não for a ajuda dos vizinhos, amigos e familiares, há coisas que não tem como fazer.

O mutirão é que salva nós em fazer as coisas na lavoura a tempo.

Aqui o trato da mandioca é sempre coletivo.

(Fala de morador durante as rodas de diálogo nas comunidades Geraizeiras, e retirada do livro Saberes Ambientais do Cerrado. RIGONATO e SANTOS, 2016.)

[...] a constituição da vida em comunidade depende das inter-relações sociais ligadas a um território comum. Território este, não essencialmente os limites geográficos de habitação, mas ainda os universos que se expandem para além do espaço delimitado. [...] O território neste caso é dinâmico, os limites e as fronteiras perdem as suas características principais, dando lugar para a referência significativa na vida das pessoas. (SOUZA e BRANDÃO, 2012, p.111)

Outro aspecto importante da dinâmica gerada pelas práticas agroextrativistas dos Geraizeiros é a criação de um contexto bastante particular para a soberania-segurança alimentar das famílias. Os projetos de pesquisa e extensão chamam a atenção para este tema, e na compreensão dos saberes-fazeres das famílias Geraizeiras o agroextrativismo inevitavelmente também nos direciona a ele, já que as práticas agroextrativistas têm como propósito principal, e às vezes único, a obtenção de alimentos. Desta maneira, há uma distribuição temporal do período de colheita para cada uma das espécies de frutas, para as culturas anuais e/ou as plantas de ciclo curto. A disponibilidade não é perene e nem homogênea ao longo dos 12 meses do ano e entre todas as famílias de todas as comunidades citadas.

Embora o cerrado ofereça muitas opções de alimentos, os hábitos entre as famílias envolvidas nesta pesquisa, por diferentes fatores, se concentram mais no pequi, no buriti, no caju e no cascudo. Poucas vezes algum morador citou outras frutas do cerrado como a cagaita, o baru, a guavira (ou arará), ou alguma outra espécie. É comum também nos quintais das residências o cultivo de frutas que não são nativas do cerrado. Não há uma homogeneidade nesta distribuição, e encontra-se situações diferenciadas em cada uma das comunidades e, também, entre as famílias de uma mesma comunidade. Porém, observa-se com maior frequência a presença de frutas como o abacate, a jaca, o abacaxi, a acerola, a pitanga, o limão, a laranja, a banana e a cana de açúcar.

Por alcançar o universo dos fazeres cotidianos, os saberes são sempre um fenômeno substancial à caracterização e à identificação das comunidades tradicionais. Mundo vivido aqui, portanto, traduz o lugar de acolhimento para os significantes e significados, a partir dos quais os Geraizeiros atribuem sentido aos espaços e aos territórios da vida. Neles ecoam e ressoam o saber-fazer das comunidades Geraizeiras e tudo o que para elas é significativo.

Ao destacar para o ser e viver de comunidades tradicionais suas relações com o espaço, as relações sociais, o universo do fazer, a ética do agir e as especificidades do pensar, Souza e Brandão (2012) nos oferecem argumentos para dialogar com as explicações de Hissa e Ribeiro (2017, p.106) sobre o saber sentido.

Há no saber sentido uma política de compartilhamento. [...] Além disso, trata-se de um saber que se traduz no fazer.

Na construção desse saber sentido, percebe-se a rede de relações dos objetos de conhecimento e, assim, a possibilidade de dar continuidade ao que foi gerado na experiência sensível.

Então, conhecer a dinâmica ecológica das espécies utilizadas no extrativismo é uma narrativa presente entre os Geraizeiros. Os saberes sobre o cerrado fazem sentido no planejamento e na execução da coleta dos frutos, por exemplo. Ao seu posterior beneficiamento e preparo de subprodutos, como um doce ou um bolo, incluem-se saberes-fazeres do convívio social. Da observação interativa e relacional gerada pelas e nas práticas agroextrativistas desses sujeitos, transcendem-se para os saberes-fazeres do convívio social cotidiano entre as famílias e as comunidades, mediatizados pelo mundo e a natureza que os cercam e preenchem.

Esse ambiente comum é estabelecido pela compreensão que, por sua vez, é fundada sobre o fato de que os sujeitos motivam uns aos outros reciprocamente em suas atividades espirituais. Assim surgem relações de entendimento mútuo (*Wechselverständnis*) e consenso (*Einverständnis*) e, com isso, um ambiente comunicativo compartilhado. (SCHUTZ, 2012, p.181).

Neste ponto reside a relevância da intencionalidade presente na conservação de um mundo comum entre nós, neste caso, “nós” são as famílias tradicionais Geraizeiras do vale do rio Guará, pois pode ser justamente a duração e a permanência de algo para uni-los, o fortalecimento, como resultado, de uma certa coesão social já existente. O convívio social cotidiano, e o mundo comum que ele abriga e traduz, transcendem a duração da vida de um ser humano tanto no passado como no futuro. Processo fundamental à valorização e conservação dos saberes-fazeres.

Nas condições de um mundo comum, a realidade não é garantida primordialmente pela “natureza comum” de todos os homens que o constituem, mas antes pelo fato de que, a despeito de diferenças de posição e da resultante variedade de perspectivas, todos estão sempre interessados no mesmo objeto. (ARENDRT, 2014, p.70). (Aspas da autora).

SOBRE FENÔMENOS SOCIAIS HUMANOS: REFLEXÕES E DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO E A AÇÃO POLÍTICA COM COMUNIDADES TRADICIONAIS GERAIZEIRAS

O caminho reflexivo percorrido neste artigo tem, naturalmente, relevante influência das atividades de extensão, especialmente quando houve a confluência das observações *in loco*, com as análises presentes e propostas para o projeto de pesquisa em curso. Ou seja, estudar, dentre outros temas, as correlações entre os fenômenos sociais humanos da educação e da ação política, com o próprio viver social e a vida cotidiana. A formação desse *continuum* experiencial já foi analisada durante minha pesquisa para o doutorado (SANTOS, 2017), portanto, aqui remonto a esse debate, corroborando com as análises já realizadas.

A distinção entre as circunstancialidades (fenômenos) constitutivas e as características emergentes e observáveis do todo organizado em um viver social (MATURANA, 1997), estabelece para o esforço analítico-reflexivo deste artigo duas premissas. A primeira refere-se aos processos e fenômenos constitutivos do viver social, as circunstancialidades precedentes e condicionantes, o que para Maturana (1997) e Schutz (2018) permite-nos afirmar a existência (ou não) de relações sociais. Essa percepção atribui a todo viver social instituído, e a tudo o que dele deriva, em especial os saberes-fazeres, uma legitimidade intrínseca. A segunda premissa tem na intencionalidade participativa da pesquisa sua força motriz. Desta maneira, não é possível à geografia humanista e fenomenológica compreender as características emergentes de um todo social organizado e instituído sem a dialogicidade peculiar à pesquisa participante.

Observa-se, como consequência, na constituição da educação e da ação política sua inevitável interação com o convívio social no qual elas se realizam. Logo, as interações e as relações do cotidiano criam (ou não) as circunstancialidades necessárias ao educar e ao agir político, como uma trama de relações e interações nascidas daquele convívio social ali instituído.

Deste modo, a rede de entrelaçamentos e cumplicidades, a partir da qual todos os fenômenos sociais humanos se manifestam (MATURANA, 1997), é essencial à educação e à ação política. Ao concordar com Maturana (1998) e Arendt (2014), admite-se ser no convívio social cotidiano em que tais fenômenos – educação e ação política - ocorrem. Por essa razão, resgatar os propósitos da convivência humana é expor o âmbito da emoção em que, por natureza fenomênica, essa convivência se realiza.

Para Maturana (1998) a educação é algo possível apenas em um espaço relacional de interações cooperativas, e com base numa trama de coincidências nos desejos de convivência. Essa compreensão trazida pelos estudos de Maturana (1998) nasce de seus questionamentos e reflexões frente às intencionalidades da educação atual e pretendida para o Chile e, neste caso, corrobora aqui com o pensamento de Freire (2005), sobre o tipo de relação que a educação feita na dialogicidade promove.

Embora Maturana (1998) e Freire (2005) reflitam nessas obras sobre a educação inserida nas instituições formais de ensino, há em suas análises a apresentação de argumentos científicos para pensar a educação como um fenômeno social humano, não necessariamente alheio à escola, porém absolutamente transcendente. Essa reflexão se aproxima das análises de Brandão (1983) sobre educação popular, quando o autor a correlaciona de maneira clara e direta com a circulação dos saberes-fazeres constituídos na vida cotidiana dos diferentes grupos sociais existentes.

Para Brandão (1983, p.9), “[...] ensinar-e-aprender torna-se inevitável para que os grupos humanos sobrevivam agora e através do tempo, é necessário que se criem situações em que o trabalho e a

convivência sejam também momentos de circulação do saber.” Essa circulação se realiza como processos pedagógicos, permitindo tratar a educação como “[...] uma relação de saber entre trocas de pessoas, é condição da criação da própria pessoa.” (BRANDÃO, 1983, p.10).

Aqui há uma retomada de um sentido possível à expressão processos pedagógicos comunitários, citada ao final da introdução; trata-se relações interativas e cooperativas realizáveis num espaço relacional onde a dialogicidade e a experiência são inerentes à sua realização, e o saber-fazer seu mecanismo de interação. A educação faz-se aqui, portanto, um fenômeno presente, em alguma medida, no cotidiano das comunidades Geraizeiras, embora talvez não consciente, e ao mesmo tempo ela é também princípio para a realização das oficinas pedagógicas citadas anteriormente e realizadas no âmbito do projeto de extensão.

Tais pressupostos permitem entender a educação como um fenômeno que se dá na relação de uns com os outros e de uns entre os outros. Isso tende a garantir para as oficinas pedagógicas realizadas nas vivências e experiências em campo tais características também. Caso isso não ocorra, seu caráter pedagógico se perde em meio a um fazer puramente técnico.

Para aprofundar o sentido já trazido por Brandão (1983), tem-se os estudos de Maturana (1998) sobre o processo do educar, e sua duração e permanência no mundo das relações interações humanas. Como fenômeno social humano, precede à educação um espaço de convivência onde a aceitação do outro é legítima e inquestionável. Trata-se da “[...] coexistência na aceitação do outro como um legítimo outro na convivência. Não é a luta o modo fundamental de relação humana, mas a colaboração.” (MATURANA, 1998, p.34).

Fato semelhante se dá com a ação política, ao designar a expressão *vita activa* a três atividades humanas fundamentais; trabalho, obra e ação, Hannah Arendt (2014) atribui especificamente à ação, o sentido de ser a condição humana da pluralidade. Por isso, a atenção à ação política, “Embora todos os aspectos da condição humana tenham alguma relação com a política, essa pluralidade é especificamente a condição – não apenas a *condition sine qua non*, mas a *condition per quam* – de toda vida política. (ARENDRT, 2014, p.9).

Em suas obras sobre a vida do espírito, Hannah Arendt (2000a; 2000b) designa ao pensar e à reflexão papéis centrais à realização da ação. Como os processos que a precede, as atividades da vida do espírito – o pensar, o querer (a vontade) e o julgar (a escolha) – são os fenômenos da existência humana que a constitui e lhe dá sentido. Daí a relevância da educação como um fenômeno social humano condutor da coexistência e fator do seu acolhimento em um ambiente fundado na cooperação e na reciprocidade entre os envolvidos.

“A ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança [remembrance], ou seja, para a história.” (ARENDRT, 2014, p.10). Essa condição depende da circulação de saberes-fazeres e experiências promovida pela educação como caráter essencial ao convívio social cotidiano. Para as famílias Geraizeiras está nesse movimento a garantia de conservação do seu modo de Ser-e-estar no-e-com-o-mundo. Seguindo com Arendt (2000), essa dinâmica mostra a importância da concepção da natureza fenomênica do mundo; “Os seres vivos, homens e animais, não estão apenas no mundo, são do mundo, e isto precisamente porque são simultaneamente sujeitos e objetos – percebendo e sendo percebidos.” (IDEM, 2000, p.31).

Nasce da dinâmica do ser e viver das famílias e comunidades Geraizeiras a possibilidade de perceber-se uma certa coesão citada antes. Com sua natureza fenomênica já exposta nesse artigo, o viver social carrega consensualidades e coincidências de desejos, sob os quais há um imperativo existencial e na própria convivência. Assim, as práticas agroextrativistas, e os saberes-fazeres a elas relacionados, preenchem esse convívio social cotidiano, e ao conservar o que o constitui, conserva-se também sua substância e sentido.

O viver social acolhe tudo o que deriva da, e na convivência. A criação e a conservação de um corpo político não fogem à essa condição. Assim, as vulnerabilidades sociais analisadas antes, agora somam-se às vulnerabilidades no corpo político das comunidades tradicionais em análise. Apenas a comunidade de Ponte de Mateus, entre as 7 coparticipantes dos projetos, possui Associação de Moradores regularizada. Essa situação condiciona as famílias Geraizeiras a um distanciamento da institucionalidade intrínseca e necessária às ações políticas, quando estas almejam transformações que passam por uma relação institucional com o Estado e a gestão pública.

Um exemplo presente e observado *in loco* refere-se ao fato da Associação de moradores de Ponte de Mateus comercializar produtos alimentícios com a prefeitura, em atendimento as demandas da

merenda escolar. Mesmo sendo possível essa comercialização como pessoa física, há uma tendência na prefeitura de São Desidério de inclinar-se para relações comerciais apenas com pessoa jurídica.

Uma Associação de moradores não garante inevitavelmente a criação e a conservação de um corpo político, no entanto ela pode ser um indicativo, entre outras variáveis que precisam ser analisadas, da presença de ações coletivamente concebidas e com objeto e intencionalidade em comum. Um outro exemplo que permite avaliar a relevância e a qualidade das ações de um corpo político instituído, ao verificar sua relação e interação com o Estado e a gestão pública, está no acesso e na gestão dos espaços e territórios da vida das comunidades Geraizeiras. Há instrumentos jurídicos e de políticas públicas que promovem, por meio da institucionalidade atribuída aos Territórios Tradicionais mecanismos que conservam o acesso ao território e criam (ou fortalecem) a coparticipação em sua gestão.

O reconhecimento, até certa medida, de uma coesão social já existente entre as comunidades tradicionais Geraizeiras do vale do rio Guará nasce da própria natureza fenomênica do convívio social cotidiano. Outro elemento presente, e que deriva também dessa coesão relativa, é a própria resistência das famílias em seus espaços e territórios da vida. Como bem coloca Rigonato (2017) em sua tese de doutorado, a despeito de um cenário não muito favorável, narrado pelo próprio autor (IDEM, 2017, p.11), no qual, “[...] a presença de várias territorialidades derivadas da inserção de novos saberes, erosão da biodiversidade, disputa, grilagem e especulação de terras, novas relações de trabalho, sobretudo assalariadas [...]”, criam-se condições, muitas vezes motivadoras e/ou condicionantes do êxodo das famílias. Porém, no mesmo estudo Rigonato (2017) aponta estar justamente no universo de saberes-fazer dos Geraizeiros, a constituição dos valores simbólicos e afetivos, com os quais eles permanecem em seus espaços e territórios da vida. Na medida em que ela – a coesão social - também depende essencialmente dos saberes-fazer das famílias Geraizeiras, valorizá-los e compreendê-los tende a gerar efeitos positivos para a própria coesão social.

A constituição plena ou não da coesão social no convívio entre as famílias Geraizeiras resiste, muitas vezes, por fatores externos às comunidades. No entanto, observou-se *in loco* a existência, entre as próprias famílias e comunidades Geraizeiras, de questões conflituosas que precisam ser dirimidas. Há conflitos de diferentes origens. Foi verificado em campo, por exemplo, pessoas da mesma família com conflitos gerados pela divisão de terras e das áreas utilizadas para as atividades agrícolas, como também conflitos em torno da necessidade imediata de renda, em contraste com a perspectiva de projetos de médio e longo prazos.

O histórico de ausências de direitos sociais e políticos, entre as famílias Geraizeiras do vale do rio Guará parece ter criado um sentimento de urgência, que resultou em obstáculos para a imaginação e os desejos individuais e sociais transcenderem o que essa urgência alcança a priori. Durante as vivências e experiências em campo percebeu-se nesses conflitos obstáculos sociais bastante significativos para a construção da coesão social plena. No entanto, as grandes questões são históricas e estruturais, e dizem respeito à ausência de políticas públicas cooperativas de fortalecimento da organização e da coesão social, como também de ações de ATER (Assistência Técnica e Extensão Rural). Essas ações tendem a criar perspectivas de planejamento e projetos de médio e longo prazos entre as comunidades beneficiadas, e resulta em experiências pedagógicas promovidas por esses tipos de serviços públicos.

Por isso a ressalva quanto a plena coesão ou não entre as comunidades. Por ser processual, e depender substancialmente dos parâmetros que regem o âmbito da convivência, a coesão flui por meio às circunstancialidades promovidas e derivadas das interações cotidianas realizadas nessa própria convivência. Como é o caso das comunidades em análise, muitas vezes a coesão precisa ser construída (ou ampliada) no convívio social cotidiano, e para tanto, é importante observar quais são os níveis e variações de uma certa coesão social intrínseca, e a partir dessa coerência já presente, transcendê-la para as desejadas coletivamente.

As influências exercidas pelos fenômenos sociais da educação e da ação política podem oferecer à coesão social entre as famílias Geraizeiras seu aprofundamento. A partir da ampliação de consensualidades recursivas de condutas sociais válidas para, assim, alcançar, por meio dos resultados dos projetos, e do que derivar das intervenções e ações realizadas, uma dinâmica essencialmente cooperativa para o viver social, e com as condições para a sua duração e permanência conservadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um ponto de análise importante e observado nessa pesquisa é o caráter de *continuum* experiencial presente na realização de todos os fenômenos sociais humanos. Trata-se de uma idiosincrasia da natureza dessas relações e interações. Considera ser esse o ponto de partida e a linha de chegada para todo e qualquer processo de transformação social das famílias e comunidades tradicionais Geraizeiras do vale do rio Guará.

Embora reconheça-se as consensualidades presentes e ativas entre as comunidades e famílias Geraizeiras, há, sob alguns aspectos, fragilidades nessa coesão social e política inerentes, das quais originam-se obstáculos para as comunidades promoverem transformações estruturais profundas e permanentes em sua organização social e política, com impactos na situação econômica das famílias.

A observação participante criou um elo de compreensão deste contexto social e político, a partir do qual destacam-se situações conflitantes de natureza territorial, familiares e de um histórico de ausências de ações políticas com base em interações cooperativas. As ações do projeto de extensão permitem observar o caráter pedagógico e formativo de suas relações e interações decorrentes. Famílias e comunidades quando colocadas em constante contato com projetos e ações públicas organizadas e estruturadas, para lidar com os vários e diferentes temas da vida cotidiana, constroem, por meio das experiências e aprendizados, saberes-fazer necessários para as relações e interações estabelecidas a partir de então.

As transformações sociais e políticas almejadas demandam intervenções pedagógicas de médio e longo prazos. O intuito é criar uma dinâmica de aprendizagem fundada na dialogicidade gerada pelo encontro cotidiano entre mundos distintos, mas com potencial de serem complementares, por meio de coincidências nas intencionalidades estabelecidas. Como os projetos em tela fundam-se teórica e metodologicamente no exercício do diálogo com os saberes-fazer agroextrativistas das comunidades Geraizeiras, suas análises e estudos estão, portanto, imersos na dinâmica ecológica do cerrado, o que resulta numa indelével valorização dos saberes-fazer que ecoam e ressoam entre as famílias Geraizeiras. Tal conduta não retira das ciências sua credibilidade e confiança, pelo contrário, permite ao cientista perceber-se dentro de um contexto cognoscível maior, ligado aos processos do conhecer humano, cuja dinâmica ultrapassa o rigor do(s) método(s) científico(s) e contempla a própria existência e coexistência cotidianas.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 11ª ed. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- A vida do espírito**. Vol. 1 – Pensar. Lisboa (Portugal): Instituto Piaget, 2000.
- A vida do espírito**. Vol. 2 – Querer. Lisboa (Portugal): Instituto Piaget, 2000.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. Brasília: 2006.
- BRASIL. **Lei nº 13.123 de 20 de maio 2015**. Dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade. Brasília: 2015.
- BOHM, David. **Diálogo: comunicação e redes de convivência**. Tradução de Humberto Mariotti. São Paulo: Palas Athena, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação Popular**. Cuba/Nicarágua: 1983. Disponível em: <http://ifibe.edu.br/arq/201509112220031556922168.pdf> Acesso em 01/05/2020.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues e STRECK, Danilo Romeu. A pesquisa participante e a partilha do saber: uma introdução. In: BRANDÃO, C. R. e STRECK, D. R. (orgs). **Pesquisa Participante: o saber da partilha**. 2ª ed., Aparecida-SP: Ideias e Letras, p. 7-20, 2006.
- FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. 41ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- Extensão ou comunicação?** 15ª ed. Tradução de Rosiska Darcy de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HISSA, Cassio Eduardo V. e RIBEIRO, Mônica Medeiros.. Saber sentido. **Conception**, Campinas-SP, v. 6, n. 2, p. 90–109, jul./dez. 2017. <https://doi.org/10.20396/conce.v6i2.8648656>

MATURANA, Humberto. **A ontologia da realidade**. Tradução de Cristina Magro et. al. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1997.

Emoções e linguagem na educação e na política. Tradução de José F. C. Fortes. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 1998.

Cognição, ciência e vida cotidiana. Tradução de Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2001.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Programa de educação ambiental e agricultura familiar: guia metodológico – oficina do PEAAF**. Brasília: 2015.

PRIMAVESI, Ana. **Cartilha do solo: como resolver e sanar seus problemas**. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 2009.

RIGONATO, Valney D. **Por uma geografia de/em transição: r-existência e (re) habitação dos Geraizeiros no médio vale do rio guará, são Desidério, BA**. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiana-GO, 2017.

RIGONATO, Valney D. e SANTOS, Mario A. (orgs). **Saberes Ambientais do Cerrado**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2016.

SANTOS, Mario A. dos. **Espaço, geograficidades e ação política comunitária na Resex Marinha de Canavieiras-BA**. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2017. <https://doi.org/10.9771/geo.v14i1.25020>

SCHÜTZ, Alfred. **Sobre fenomenologia e relações sociais**. Tradução de Raquel Weiss. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

A Construção significativa do mundo social: uma introdução à sociologia compreensiva. Tradução de Tomas da Costa. Petrópolis-RJ: Vozes, 2018. <https://doi.org/10.4215/RM2012.1126.0007>

BRANDÃO, Carlos Rodrigues e SOUZA, Angela Fagna Gomes de.. Ser e viver enquanto comunidades tradicionais. **Mercator**, Fortaleza-CE, v.11, n. 26, p.109-120, set/dez, 2012.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

VERDEJO, Miguel E. **Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP**. Brasília: Ministério de Desenvolvimento Agrário MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2010.

Recebido em: 29/05/2020

Aceito para publicação em: 13/04/2021